

Comunidade negra no contexto socioeconômico e histórico de Pelotas

Thelma de Ávila Camargo¹

Resumo

O presente trabalho visa fazer uma construção da participação da comunidade negra na cidade de Pelotas, localizada no estado do Rio Grande do Sul (Brasil), desde a primeira atividade econômica (transformação da carne em charque) tendo como o objetivo o estudo dos impactos da participação negra no contexto sócio-econômico e histórico na cidade de Pelotas: o impacto positivo sobre a economia com a utilização de uma mão-de-obra trazida ao Brasil como cativa, mas também o impacto negativo sobre as relações étnicas, que trouxe um clima de discriminação racial. E em decorrência deste impacto negativo sobre este aspecto, surgiram então algumas iniciativas para resgatar uma dívida social com essa comunidade negra descendente de escravos, tendo como resultados ações tais como o reconhecimento das comunidades quilombolas, identificação da contribuição na cultura doceira e identidade da cidade e ainda uma preocupação com a educação patrimonial promovida pela Prefeitura de Pelotas, como meio de inclusão e reconhecimento da comunidade negra no processo de formação da cidade, na música, no jornalismo, na gastronomia, na política, nas artes, nas festas populares como carnaval. Foi utilizada como metodologia uma revisão bibliográfica e material como dissertações de mestrado, relatos de experiência, Lei 5502/2008 (3º Plano Diretor Municipal de Pelotas), e material do Dia do Patrimônio sobre a Herança cultural africana realizada em Pelotas em 2014.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação (PROGRAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo /UFPEL Universidade. Federal de Pelotas (RS) / Arquiteta da Secretaria Municipal de Justiça Social e Segurança. E-mail: thelma.camargo1@gmail.com

Palavras-chave: discriminação; movimento social; reconhecimento.

Abstract

This paper aims to make a construction of the black community participation in the city of Pelotas, in the state of Rio Grande do Sul (Brazil), from the first economic activity (production of beef jerky) who also gave the town its name, and as the objective the study of the impacts of black participation in the socio-economic context and Pelotas history as an example the positive impact on the economy with the use of a hand-to-work brought to Brazil as a captive, but also the negative impact on ethnic relations which brought a climate of racial discrimination, and that after the abolition of slavery, the black movements have intensified in search of their place in social life and their rights as free citizens. And as a result of this negative impact on the social aspect Pelotas then had some initiatives to rescue a social debt with this black descendant community of slaves, and as a result actions such as recognition of the Quilombo communities, contribution ID in confectioner culture and city identity and also a concern for heritage education promoted by Pelotas Prefecture, as a means of inclusion and recognition of the black community in the process of formation of the city, music, journalism, food, politics, the arts, popular festivals like Carnival .It was used as methodology a literature review and stuff like dissertations, experience reports, Law 5502/2008 (3rd Master Plan of Pelotas), and Heritage Day material on African cultural heritage held in Pelotas in 2014.

Keywords: discrimination; social movement; recognition.

Introdução

A vinda dos negros para o Brasil ocorreu durante o período colonial, a partir de seu descobrimento, para várias regiões de seu imenso território, mas especialmente no estado do Rio Grande do Sul (região sul do Brasil), na cidade de Pelotas, houve um enorme contingente deste tipo de tráfico para suprir a mão-de-obra empregada na produção de charque nas estâncias denominadas de Charqueadas, as quais recebiam o gado, promoviam seu abate, e a posterior produção do charque (carne salgada), o qual era exportado para o restante do país. Mais tarde com a proibição do tráfico de escravos, as charqueadas foram diminuindo a sua produção, até sua total extinção neste tipo de atividade. Nos dias atuais os casarões localizados nas estâncias charqueadoras são explorados para o turismo rural, pois fazem parte do Sítio Charqueador designado no 3º Plano Diretor de Pelotas.

A comunidade negra empregada neste tipo de atividade vivia em condições de insalubridade e humilhações, o que incentivou a fuga de muitos escravos para a formação de quilombos, os quais adentravam na Serra dos Tapes, que dada a dificuldade de acesso, propiciou o surgimento de lugares de refúgio e de difícil captura. Nos quilombos, iam fortalecendo a sua luta, resistência a um regime imposto injustamente a esta comunidade, mas aceito pelos valores da elite branca das Charqueadas, que atingiram a sua opulência econômica, à custa do trabalho do braço escravo. Após a abolição da escravatura, e principalmente em uma condição de liberdade, a comunidade negra organizou movimentos associativistas em busca de seu espaço de participação, e seus direitos contra a discriminação racial até os dias de hoje.

A história das charqueadas

Segundo Monquelat (2014), o “Rincão das pelotas”, denominação colonial pela qual era conhecida a região que veio a formar o município de Pelotas, cidade que teve sua origem no agropastoreio, e na atividade da produção do charque, atividades estas alicerçadas no braço africano, e ou, afro-português. Com a determinação do então governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara de assentar os casais oriundos de Maldonado em pequenas áreas denominadas de datas no ano de 1781, às margens do arroio Pelotas, na região do “Rincão das Pelotas” acrescida em população, propiciando em curto espaço de tempo transações imobiliárias que permitiram a

instalação das charqueadas que logo atraíram outras pessoas, as quais trouxeram novos escravos e distintos interesses mercantis. Desde a chegada do gado às estâncias e a saída do charque das charqueadas, produto que desde os primórdios de sua manufatura teve quase que exclusivamente o braço escravo, produzido de uma forma primitiva e rudimentar, deve Pelotas o seu atípico desenvolvimento, atipicidade, esta, provocada pelo crescimento econômico de poucos em detrimento e vida de muitos e, em particular, de escravos negros.



Fig.01 - Charqueada Barão de Butuy e arroio Pelotas
Fonte: Jornal Diário Popular



Fig.02 - Preparo da carne em Charque
Fonte: Jornal Diário Popular

A história do município começa em junho de 1758, através da doação que Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, fez ao Coronel Thomáz Luiz Osório, das terras que ficavam às margens da Lagoa dos Patos. Em 1763, fugindo da invasão espanhola, muitos habitantes da Vila de Rio Grande buscaram refúgio nas terras pertencentes a Thomáz Luiz Osório. Mais tarde, vieram também os retirantes da Colônia do Sacramento, entregue pelos portugueses aos espanhóis em 1777. Em 1780, instala-se em Pelotas o charqueador português José Pinto Martins. A prosperidade do estabelecimento estimulou a criação de outras charqueadas e o crescimento da região, dando origem à povoação que demarcaria o início do município de Pelotas. A Freguesia de São Francisco de Paula, fundada em 7 de julho de 1812 por iniciativa do padre Pedro Pereira de Mesquita, foi elevada à categoria de Vila em 7 de abril de 1832. Três anos depois, em 1835, a Vila é elevada à condição de cidade, com o nome de Pelotas. O nome do município, "Pelotas", teve origem nas embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas para a travessia dos rios na época das Charqueadas. Monquelat (2014) destaca: "se por um

lado, podemos dizer que Pelotas não inventou o charque; por outro podemos que o charque e a escravidão inventaram Pelotas”.

Pode-se observar conforme mapa abaixo, a localização de Charqueadas ao longo do Arroio Pelotas, o qual desemboca no Canal São Gonçalo. Durante a elaboração do 3º Plano Diretor esta área foi denominada como “Sítio Charqueador”, como referencial histórico e turístico na cidade.

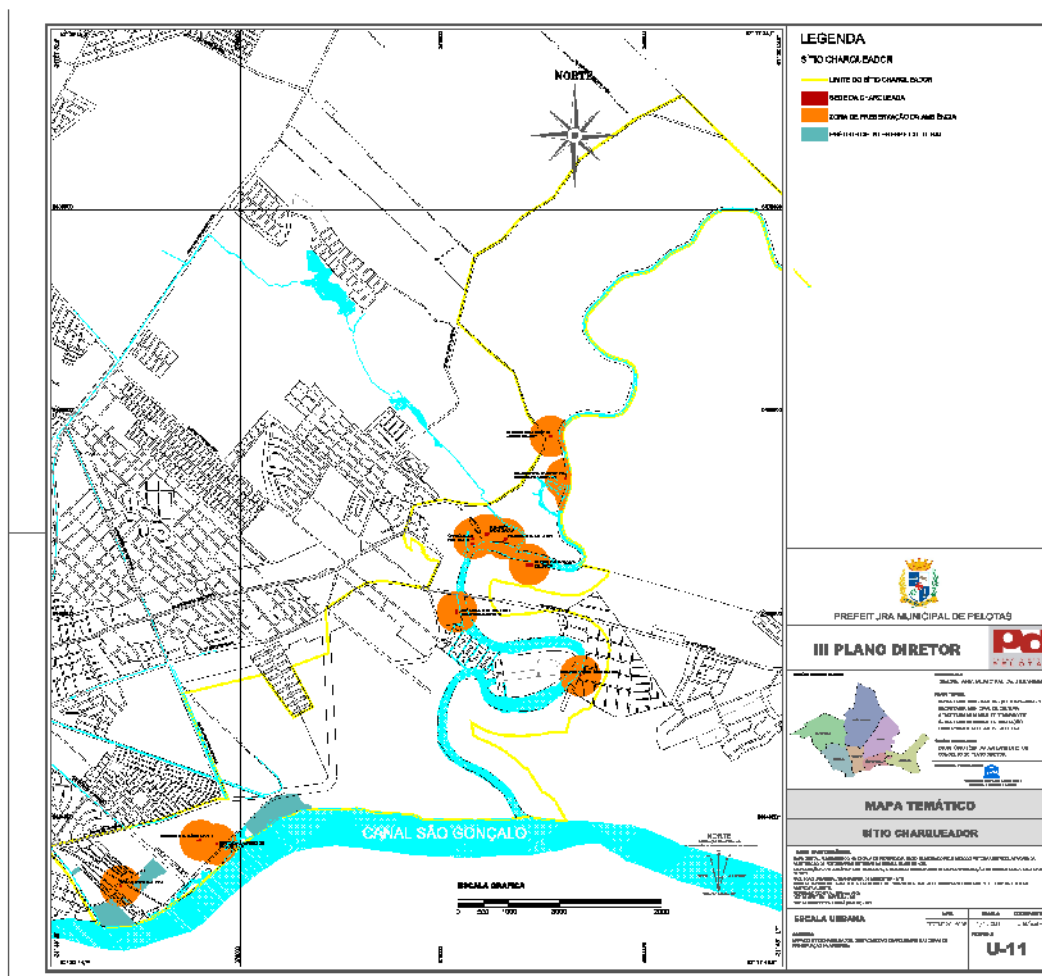
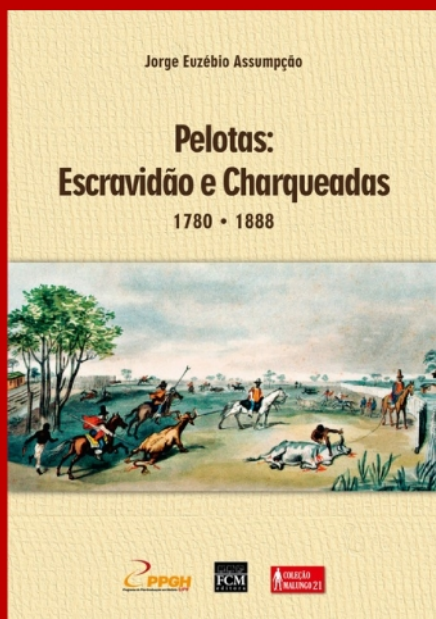


Fig 03: Mapa U-11- Sítio Charqueador – 3º Plano Diretor de Pelotas

http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/arquivos/U11_sitiocharqueador..pdf

PARA SABER MAIS



Leia aqui na Revista África e Africanidades

- Remanescentes de quilombos pelotenses: paradigma emergente, dignidade humana e propriedade.

HENNING. Ana Clara Correa,
LINHARES. Diego Furtado,
GOMES. Elbio Hermes da Silva,
LEAL. Robson Jardel dos Santos.

[Veja mais](#)

- Identidade Cultural: comunidades quilombolas no extremo sul da Bahia em questão.

DE ABREU. Eduardo Luís

[Veja mais](#)

O Reconhecimento de Comunidades Quilombolas

Segundo RUBERT (2014), atualmente o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do Rio Grande do Sul (RS) estima a existência de aproximadamente 180 comunidades negras que já se autodefinem como remanescentes de quilombos ou que estão em processo de reconhecimento. Várias destas comunidades estão situadas na metade sul do estado, especialmente na região das Charqueadas e imediações. Coerente com fatos históricos que apontam essa região como concentradora de mão-de-obra de africanos (as) escravizados (as) em razão da instalação das Charqueadas, a partir de 1780, abundam dados documentais sobre focos de resistência escrava manifestada na forma de rebeliões e fugas deliberadas com vistas à constituição de quilombos. Exemplo: as comunidades quilombolas de Picada, Monjolo e Torrão, localizadas no município de São Lourenço do Sul, assim como a comunidade Maçambique, localizada no município de Canguçu. Outras comunidades se constituíram por meio de doação a ex-escravos ou filhos destes de áreas impróprias às atividades agropecuárias, por simples apossamento ou compra.

Segundo relatos do CAPA (2007), as comunidades quilombolas

“possuem características rurais [...] desenvolvem agricultura de subsistência, trabalham como mão-de-obra eventual, junto aos pequenos agricultores e fazendeiros, produzem artesanato tradicional e de utilidades nas lides agrícolas”.

Conforme Haerter (2014) o termo “quilombola” não apresenta um significado único, pois não é utilizado da mesma forma do Norte ao Sul do país. No caso de comunidades negras rurais da Zona Sul do Rio Grande do

PARA SABER MAIS

Leia aqui na Revista África e Africanidades

- Identidade guerreira: luta e resistência nos quilombos contemporâneos
SANTOS, Richard.

[Veja mais](#)

- Fenômeno quilombola: a constituição da identidade cultural negra
SILVA, Adilson Rodrigues.

[Veja mais](#)

- Colonização no Sertão da Bahia e formação de quilombos em Irará
DOS SANTOS, Jucélia Bispo.

[Veja mais](#)

- A questão fundiária na comunidade remanescente: um estudo das relações educativas no Quilombo de Santana
DE NAZARETH, Henrique Dias Gomes. FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva.

[Veja mais](#)

- Ticumbi: lembranças de uma África no Espírito Santo
CAMPOS, Adriana Pereira. BASTOS, Fabíola Martins.

[Veja mais](#)

Territorialidade e identidade dos grupos negros rurais
MALCHER, Maria Albenize Farias. [Veja mais](#)

Sul, estas possuem vinculação com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, com o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA, com a Igreja, etc, mas existem outros sistemas que podem estar operando na realidade dessas comunidades – como o mitológico, por exemplo – e isso nos cabe traduzir, enquanto etnólogos, marcando as relações sociais e percebendo suas sutilezas presentes nos elementos culturais, identitários, de demarcação de fronteiras, entre outros.

Ainda segundo Vanderlinde (2013), no intuito de assegurar e consagrar o direito constitucional de posse da terra, construiu-se, aos poucos, uma definição de remanescentes de quilombos que pudesse abarcar parte da diversidade de ocupação de comunidades pobres, onde os elementos unificadores seriam o autorreconhecimento e uma dada identidade étnica, cultural e territorial. Assim sendo, o termo foi sendo utilizado para designar as comunidades preferencialmente rurais cujos habitantes descendem diretamente de quilombolas, de grupos de escravos fugidos e mesmo de libertos e negros livres a eles articulados. Tal comunidade caracterizar-se-ia pela ancianidade da ocupação de origem Angolana e manutenção da memória coletiva circunscrita no espaço que deu origem à história da comunidade; pela ritualização das práticas culturais permanentemente reelaboradas que lhes dão caráter identitário e pela ligação com a terra, utilizando-a.

A inserção gradual das comunidades quilombolas ocorreu no Fórum de Agricultura Familiar, bem como os resultados desta integração como categorias que caracterizam a campesinidade são a terra, o trabalho e família, descritas por Woortmann (1998) *apud* Rubert e Silva

PARA SABER MAIS

Leia aqui na Revista África e Africanidades

- Comunidades quilombolas no Brasil diante das políticas de patrimônio cultural brasileiro
RAMOS, Leila Martins.

[Veja mais](#)

- (Re) enegrecimento feminizado: saberes e aprendizados no currículo invisível da comunidade remanescente quilombola de Helvécia – BA

DA SILVA, Paulo de Tássio Borges.

[Veja mais](#)

- Habilidades e superdotação em escola pública municipal de comunidade quilombola: uma reflexão e colaboração às leis 10.639/03 e 11.645/08

DOS SANTOS, Vania Aparecida.

[Veja mais](#)

- O Quilombo Mata Cavalo: territorialidade negra no mundo globalizado

DE BARCELOS, Silvânio Paulo.

[Veja mais](#)

- A disputa territorial no Quilombo Cafundó

DA SILVA, Lucas Bento.

[Veja mais](#)

(2009). O Fórum foi fundado em meados de 1995, atuando desde então, ininterruptamente, por meio de encontros mensais, nos quais participam organizações governamentais e não governamentais ligadas aos agricultores familiares, assentados de reforma agrária, pescadores artesanais e comunidades quilombolas.

Marcado inicialmente pela participação majoritária de representantes de órgãos públicos e não governamentais ligados à agricultura familiar e, da participação de representantes do sindicato de trabalhadores rurais, o Fórum foi se reconfigurando ao longo dos anos, incluindo gradativamente novos grupos ligados à agricultura familiar. Nesta trajetória de quase duas décadas de funcionamento, cabe destacar um fato relevante que alterou sobremaneira as configurações desse espaço. Em 2004, o Fórum adquiriu uma interface sócio-estatal, passando a atuar como colegiado territorial do território Zona Sul do Estado. Este processo decorreu da implantação do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais, uma proposta de descentralização do governo federal brasileiro (2003-2011), coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA).

A luta e organização da comunidade negra

As charqueadas pelotenses além de enriquecerem com o trabalho escravo deixaram cicatrizes profundas, chagas que jamais serão esquecidas. O poema de Oliveira Silveira mostra o negro transformado na própria carne de charque. Parte do poema: é o sol escaldante, é a faca afiada, é o sal cortante, as horas estafantes de trabalho. É a alma humana

transformada, carneada, salgada, escurecida pela mão de outra alma não humana. SILVEIRA (1977).

Segundo BOEIRA (2013), o poeta inicia uma batalha em prol da concretização de um ideal representado pela força contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil. A sua pesquisa tinha o objetivo de desconstruir a data considerada “dia da farsa da abolição”. O povo negro precisa ocupar o seu lugar real na história do país. Ativista do Movimento Negro e um dos criadores do Grupo Palmares, de Porto Alegre, sugeriu a data de 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra. Oliveira Silveira ingressa no Movimento Negro Unificado – MNU – Núcleo RS. É o porta-voz da data política de 20 de novembro, aniversário de morte do grande líder Zumbi dos Palmares, elevado a herói em 1971, ano internacional para Ações de combate ao Racismo e à Discriminação. Em 1978, o dia 20 de novembro torna-se o dia Nacional da Consciência negra, a partir da fundação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação, mais tarde conhecido como MNU. Nos livros pelos quais a história dos negros escravos é contada e hierarquizada pelos historiadores burgueses, entra em discussão a desconstrução do mito da liberdade concedida. Para o Grupo Palmares, e para todos que ouviram seus pais, seus avós e bisavós vindos da Mãe África, o negro era exemplo de garra e heroísmo. Vários grupos surgiram nas décadas de 1960, 1970 e 1980 e lutaram para a aceitação de Zumbi, pelos negros brasileiros, como seu principal herói.

No que diz respeito aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e sua cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente. (MUNANGA, 2008)

Ramos (1995) trata a questão racial no Brasil como resultado do que ele chama de “patologia social do branco brasileiro”. Destaca o fato de o Brasil querer ser um país de mestiços, onde há uma desvalorização do negro, como uma afirmação dos padrões instituídos pela escravidão, pois os paradigmas e valores da sociedade colonial eram da exaltação da brancura como padrão estético.

Segundo AL-ALAM (2014), a história é tecida na experiência dos indivíduos no tempo e certamente as celebrações em torno dos valores da negritude são uma conquista da comunidade negra. Desde o associativismo negro no século XIX, perpassando experiências como a da Frente Negra Pelotense, o movimento negro em época de ditadura militar, com o Dia da consciência negra e mais tarde com o Cabobu no final da década de 1990, a história de africanos e afrodescendentes vem rompendo o silêncio imposto por intelectuais e governos embriagados pelo frenesi europeu. As experiências de africanos e afrodescendentes em Pelotas escapavam da malha repressiva das elites, mas não podemos perder de perspectiva a vivência destes homens e mulheres negros com a repressão, o que certamente vem marcando as gerações destas famílias num ritual constante de superação.

O cidadão negro Rodolpho Xavier destacou-se como importante líder sindical, participando de diversas diretorias de organização de classe, e de associativismo negro. Foi um dos principais articulistas do Jornal Alvorada, fundado em 1907, por um grupo de operários negros, contra o propósito de lutar contra a discriminação étnica e posicionado em defesa do operariado pelotense. Em seus escritos apresentava temas como política, tradição, religiões, costumes e economia, exibindo abordagens referentes ao preconceito étnico e à organização da classe operária (XAVIER, 2014).

Certamente os movimentos negros continuarão a intensificar as manifestações de reconhecimento de suas trajetórias, reconhecidas pelo Estado ou não, e a História continuará a registrar seus movimentos de luta. A produção sobre as histórias do povo negro na cidade e região já é uma realidade, devemos intensificar esse movimento e encontrarmos melhores formas de publicizá-la: pois as pessoas devem ter o direito de conhecer e refletir sobre suas trajetórias. E este também é um dever do Estado. AL-ALAM (2014).

Resultados: iniciativas ao reconhecimento e valorização da comunidade negra

Segundo Victória (2014), o Dia do Patrimônio de Pelotas (2014) oferece um tempo de reflexão e de reconhecer a história de um povo, cujos ancestrais foram arrancados de sua terra. Privados dos que há de mais importante e que dá sentido à vida humana: a liberdade, a justiça e a igualdade de direitos. Ao chegarem à nova terra depararam-se com uma combinação perversa de violência física e simbólica. A violência física foi direta,

resultando no cativeiro e na dominação pela força, pela opressão, extraindo do negro o direito de existir como ser independente de seu senhor. Assim que chegaram à nova terra, ao mesmo tempo em que sofriam no corpo e na alma as agruras de cativos, começaram a luta pela reconquista da liberdade e cidadania do povo negro no Brasil.

A Educação patrimonial pode ser uma forma importante de ação, de enfoques participativos e pluralistas que favoreçam a inclusão social por meio de patrimônio. São consideradas referências culturais: danças, receitas, itens de vestuário, arroios, festas, bibliotecas, diversas formas de moradias como casarões, casas de madeira, de barro, entre outras. Em todo o Brasil, projetos de Educação patrimonial têm sido desenvolvidos com comunidades negras, incentivando um diálogo dessas comunidades com suas referências culturais, descortinando questões sociais, econômicas e culturais que marcam a vida destes grupos. (ALFONSO, 2014).

Durante a realização do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), a pesquisa sobre a cultura doceira de Pelotas para registrá-la como patrimônio imaterial brasileiro, muitas foram as asserções que apontavam para a presença de imigrantes europeus na região como a única influência legítima na construção de tal tradição, o que envolve o “saber” e o dar sentido à confecção, consumo e compartilhamento dos chamados doces finos e doces coloniais pelotenses. No entanto as pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais permitiram que se reconhecesse também a presença negra na construção de tais referências culturais, no momento das investigações dos atores diretamente envolvidos no universo afro-brasileiro, pois do contrário, a invisibilidade negra continuava na configuração cultural da cidade. Exemplo: pais e mães de santo se tornaram os interlocutores da pesquisa, em decorrência de elucidarem os pesquisadores sobre o significado das oferendas de doces aos Orixás, na liturgia do Batuque (ou Nação), segundo Kosby (2014).



Fig.04 – Oferta de doces aos orixás - Fonte: Caderno Dia do Patrimônio

Segundo Vanderlinde (2013), a atuação de luteranos entre os quilombolas pode ser considerada um jeito inédito de inserção se considerados aspectos identitários relacionados à formação das comunidades luteranas no sul do Brasil. A investigação teve como alvo o trabalho mediador do Capa entre as comunidades remanescentes de quilombos existentes na região formada pelos municípios de Canguçu, de Pelotas e de São Lourenço, no Estado do Rio Grande do Sul. O direito de acesso a terra para as populações remanescentes de quilombos foi assegurado pela Constituição de 1988, porém a questão só passa a ter maior visibilidade a partir do início da primeira década do século XXI. Sintomaticamente é nesta fase que o CAPA passa a se envolver com atividades entre as comunidades de remanescentes de quilombos na região sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A comunidade negra contribuiu na economia de Pelotas desde a sua formação como cidade que teve seu período de opulência graças ao trabalho do braço escravo, remetendo-nos a uma página triste e vergonhosa da nossa história, que nos valores sociais da época era assim permissível. Os negros, além de terem sido trazidos à sua revelia, sofreram uma discriminação constante no espaço e no tempo: se antes havia a

violência física como controle da produção do charque, após a abolição, verificou-se a violência moral, através da discriminação direta no início, velada nos dias de hoje, que por mais ações surjam como reconhecimento à valorização da comunidade negra, ainda assim é o início de um processo de conscientização e reconhecimento do valor dessa gente que tem vivido em uma situação de fragilidade social e à margem da ocupação de cargos de decisão social e política. Todas as iniciativas devem contribuir para o bem e para diminuir a eterna dívida social que foi gerada desde a chegada dos negros até os dias de hoje.

Referências

AL-ALAM, Caiuá. **Nunca é demais lembrar: a celebração é uma conquista e não uma concessão.** Caderno Dia do Patrimônio: a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014.

ALFONSO, Luise Prado. **Educação patrimonial e comunidades negras.** Caderno Dia do Patrimônio: a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014.

BOEIRA, Eloísa Prates **Pelo escuro: a poesia afro-brasileira de Oliveira Silveira.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. **Descobri que tem raça negra aqui.** Pelotas, s.ed., 2007.

HAERTER, Leandro. **Considerações acerca do processo de pesquisa sobre pensamento mitológico em comunidades negras rurais.** IF-SUL – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Pelotas (RS), 2008.

KOSBY, Marília Floôr. Nós cultuamos todas as doçuras: Religiões da matriz africana e da tradição doceira de Pelotas. **Caderno Dia do Patrimônio:** a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014

MONQUELAT, Adão. Se Pelotas não inventou o charque, o charque e a escravidão inventaram Pelotas. **Caderno Dia do Patrimônio:** a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014.

MUNANGA, Kabengelê: **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PELOTAS, **Lei Municipal nº 5502/2008**– de 11 de setembro de 2008; Institui o III Plano Diretor de Pelotas.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RECH, Carla; ROBERTT, Pedro. As comunidades quilombolas e o fórum de agricultura familiar da região sul do Rio Grande do Sul. **Cadernos do LEPAARQ.** Vol. XI | nº22 | 2014

RUBERT, Rosane. Comunidades quilombolas: invisibilidade ao reconhecimento. **Caderno Dia do Patrimônio:** a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Motivação eclesial luterana e inserção social entre comunidades quilombolas: a força da oralidade.** Dossiê: Religião, Biodiversidade e Território - Artigo original-PUC-MINAS, 2013.

VICTÓRIA, Clotilde. **Os dois lados da Herança.** **Caderno Dia do Patrimônio:** a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014.

XAVIER, Lúcio. Rodolpho Xavier: negro, flâneur e memorialista. **Caderno Dia do Patrimônio:** a herança cultural negra, Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, 2014.